



ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O D E D E B A T E S



As pesquisas e a CABEÇA DO ELEITOR



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

A classe C e o governo protetor

A percepção de que pessoas de baixa renda, integrantes da chamada classe C, valorizam a meritocracia e consideram o governo um estorvo é um dos aspectos de pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, ligada ao PT, que coincide com resultados de trabalho semelhante realizado pelo Espaço Democrático em 2011, no processo de criação do PSD. Esses pontos em comum foram o ponto de partida do encontro que reuniu em abril de 2017 cientistas políticos e economistas na sede do Espaço Democrático, para debater os anseios do eleitor brasileiro.

Um dos participantes foi Antônio Prado Júnior (Paéco), um dos mais respeitados profissionais de pesquisas do País e proprietário da APPM, empresa de análise, pesquisa e planejamento de mercado. De acordo com Paéco - um dos responsáveis pelo estudo do PSD realizado em 2011 - embora os resultados da pesquisa do PT tenham surpreendido seus realizadores, por confrontarem sua visão ideológica, eles precisam ser colocados em perspectiva.

Paéco destacou que, em primeiro lugar, a pesquisa reflete o que pensam pessoas de baixa renda da periferia da Grande São Paulo, podendo ter resultados muito diferentes em outras regiões do Brasil, onde o governo protetor ainda é muito valorizado.

Este Caderno Democrático traz a íntegra dos debates daquele encontro. Boa leitura.



LUIZ ALBERTO MACHADO: Boa tarde a todas e a todos. Vamos dar início a mais um Encontro Democrático, nesta oportunidade tratando de um tema que já foi objeto aqui de uma série de análises por parte dos pesquisadores da Fundação Espaço Democrático, mas um tema que voltou à baila em uma publicação recente de pesquisa da Fundação Perseu Abramo, do Partido dos Trabalhadores. O assunto é o que pensa e o que quer o eleitor.

Hoje nós vamos contar com as exposições de Antonio Prado Junior, o *Paéco*, pesquisador há mais de 30 anos, ex-professor de graduação e pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP e que tem trabalhado com pesquisa qualitativa desde 1990. Ele já colaborou com o Espaço Democrático há alguns anos na elaboração de uma pesquisa sobre como pensa o cidadão brasileiro. Nós vamos contar também com exposições dos colaboradores do Espaço Democrático, os cientistas políticos Rogério Schmitt, Rubens Figueiredo e Túlio Kahn, e o economista Roberto Macedo. Então, Paéco, começamos por você.

ANTONIO PRADO JR - PAÉCO: Em primeiro lugar, muito obrigado pelo convite para estar conversando aqui com vocês, não é a primeira vez, eu já estive aqui em 2011 algumas vezes, quando fizemos essa pesquisa de que vocês têm conhecimento. Foi uma pesquisa que levantou alguns temas que hoje estão sendo de novo colocados. A questão central, que sempre vale a pena a gente repetir, é sobre a classe C: como ela pensa em política? Em quem vai votar? Essa é a questão central para a gente que trabalha nessa área, de saber a maneira pela qual as pessoas compreendem a nossa sociedade, do ponto de vista político, como eles veem os nossos representantes. Para saber tudo isso é preciso saber um pouco como é a vida deles, como eles se movem, por que eles se movem e quais são os valores mais importantes para eles.

Como gosto sempre de brincar, nós conversamos com o pessoal dos Jardins, a gente sabe a opinião deles de cor e salteado. Agora, quanto ao povão, a gente tem uma certa dificuldade. O Lula não, ele é o único que não precisa fazer pesquisa de opinião para saber o que o eleitor da classe C tem na cabeça, porque ele lidou com a classe C desde que nasceu, de onde ele veio. Mas nós não, nós precisamos estar sempre atentos, incluindo os jornalistas, especialmente os de política, que, quase sempre, conversam entre eles mas muito raramente sabem o que o povão está pensando. Então, muitas vezes, em inúmeras discussões a gente vê que estão atentos aos jornais, como nós, mas o povão não está nem aí.

Como eu e o Rubens trabalhamos a vida inteira com grupos, a gente percebe a diferença entre essa visão do mundo das pessoas da classe C e o mundo dos Jardins. Sempre houve



...A IDEIA DA MERITOCRACIA, ISTO É, “EU TRABALHO, EU DOU DURO, EU MEREÇO, É ASSIM QUE EU QUERO CONSTRUIR A MINHA VIDA, É ISSO O QUE EU QUERO PASSAR PARA OS MEUS FILHOS”.

muita ilusão, muita ideologia quando se fala da classe C, pela tradição do marxismo-leninismo, do comunismo e das ideias do Marx, que durante muito tempo tiveram bastante influência na formação da elite brasileira, de tantos intelectuais importantes na formação da história econômica e política no Brasil.

Essa gente vê o pobre, o operário, como um homem que tem uma visão de classe, que é capaz de fazer uma revolução, tem um espírito revolucionário, e isso foi divulgado durante muito tempo e de algum modo vai perpassando, ainda que com variáveis, grande parte do que pensam hoje em dia jornalistas, intelectuais e muitas outras pessoas da nossa sociedade. Aí, quando você vai fazer uma pesquisa, vê que o buraco é um pouco mais embaixo, que não é bem assim.

Por isso agora o pessoal do Instituto Perseu Abramo se espanta com algumas coisas que descobriu, como a ideia da meritocracia, isto é, “eu trabalho, eu dou duro, eu mereço, é assim que eu quero construir a minha vida, é isso o que eu quero passar para os meus filhos”.



Essas pessoas são contra todo mundo que está fora do mérito e ganhou algum dinheiro indevidamente. Defendem a meritocracia, a ideia de que é pelo trabalho que a gente consegue as coisas, e que esse é o único caminho que a gente tem para trilhar e ensinar os nossos filhos. A meritocracia, como alguns pelo jeito descobriram recentemente, é um dos valores mais importantes para a classe C.


Junto com a meritocracia, já na pesquisa que fizemos em 2011 a gente viu que 62% dos brasileiros - no caso eram paulistas - gostariam de ser empreendedores. Um quarto da população mais ou menos gostaria de ser funcionário público e, se não me falha a memória, 14% gostariam de ser funcionários de empresas privadas. Então, a ideia da meritocracia está diretamente ligada à ideia do empreendedorismo. Isso é "eu quero trabalhar, eu quero que esse seja o meu caminho, é isso o que eu quero ensinar para os meus filhos e, se eu puder e tiver condições, eu quero ser empresário".

Isso é muito diferente do que eu mesmo aprendi quando fiz a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, na década de 60. Estou velhinho, eu fiz a Maria Antonia em 1968. Essa ideia da meritocracia, de ser empreendedor, está muito longe da visão marxista, do operário herói revolucionário que está pensando no bem coletivo, em construir uma sociedade coletivista. Grande parte dos trabalhadores querem isso: trabalhar e se desenvolver.

O segundo grande valor da sociedade brasileira é a família. A família é muito importante para todos eles. Meritocracia e família - esses são os dois pilares da classe C, é assim que eles se movem. Claro que todos nós aqui vivemos o suficiente para saber que o fato de eles terem esses valores não quer dizer que eles aplicam isso na prática, eles têm lá suas "gambiarras" para poder se desenvolver. Mas esses são os valores. A gente pode sugerir que esses valores agora ganham força e espaço na sociedade a partir dos evangélicos, que pregaram de uma maneira muito clara a importância do trabalho e do mérito contra uma tradição católica. Mas eu não creio que isso seja tão significativo.

Esses valores da meritocracia e da família são mais antigos, mas vinham sendo obnubilados por uma visão do mundo de luta de classes. Em relação ao fato de eles terem descoberto que não existe mais luta de classes, essa é uma descoberta bastante óbvia para todo mundo que vê. A luta de classe tradicional não existe mesmo. Entretanto, quem pensa em fazer política e quer se comunicar com essas pessoas da classe C, deve lembrar que, se não tem mais luta de classes, tem, sim, uma divisão de mundo - os Jardins continuam existindo e eles, da classe C, são os caras mais pobres. Se você não entender isso, não entendeu nada. Eles percebem claramente que existe o mundo dos ricos, que não é o deles e o mundo dos pobres, numa linguagem chula. Eles percebem perfeitamente isso e sabem das limitações que isso traz para a sua vida cotidiana, para o desenvolvimento da sua família e para o seu próprio desenvolvimento pessoal. Sabem muito bem disso.

Na pesquisa que a gente fez em 2011 vimos a importância que eles davam para o aprendizado, sobretudo o aprendizado depois de adulto, de continuarem a estudar e a ter desenvolvimento.



MERITOCRACIA E FAMÍLIA - ESSES SÃO OS DOIS PILARES DA CLASSE C, É ASSIM QUE ELES SE MOVEM. CLARO QUE TODOS NÓS AQUI VIVEMOS O SUFICIENTE PARA SABER QUE O FATO DE ELES TEREM ESSES VALORES NÃO QUER DIZER QUE ELES APLICAM ISSO NA PRÁTICA, ELES TÊM LÁ SUAS “GAMBIARRAS” PARA PODER SE DESENVOLVER. MAS ESSES SÃO OS VALORES”.

Naquele momento em que o Brasil ia bem no mundo, existia uma grande demanda por cursos técnicos porque o desemprego estava baixo, entre 5% e 6%, e havia uma ideia muito forte de procurar algum apoio para se desenvolver, mas sempre dentro daquela perspectiva de “eu quero crescer, eu quero construir”, e entendendo que havia uma diferença grande entre eles e os mais ricos.

Eu só queria falar dessa diferença porque na História do Brasil, desde a década de 50 e a queda do Getúlio, de lá para cá claramente o País sempre teve um grupo político mais ligado às classes populares e um grupo político mais ligado à classe média. Quando eu era pequeno, havia o brigadeiro Eduardo Gomes de um lado, que representava mais a classe média. E nas classes populares as pessoas mais pobres conseguiam perceber e achar no campo simbólico uma representação de quem eram os caras mais próximos deles. Essa é uma coisa que se precisa entender, senão fica difícil...

Depois tivemos, de um lado, o marechal Henrique Teixeira Lott, e de outro a luta pelas reformas, o Jango Goulart. Depois ascendeu ao poder o Jânio, que foi exatamente uma pessoa ligada a partidos de classe média. O Juscelino menos, mas também. Enfim, essas pessoas mais simples constroem alguma referência de “quem é mais próximo de mim e de quem está mais longe de mim”. Eles constroem essa diferença - senão a gente não consegue entender por que o PT teve o apoio que teve. Porque houve uma construção que passou para eles: esse pessoal me representa mais. Esse pessoal que está aí do PT, o lulopetismo, como se fala atualmente, “está mais próximo de mim”, da classe C.

Quando o sujeito está lá para votar, existe na cabeça dele essa referência - “esses caras aqui

estão mais para o meu lado”. Mas, num determinado momento, pode ser mais importante para ele ser governado por alguém que não seja efetivamente próximo desse partido ou grupo de pessoas que ele pensa representar mais a classe popular. Porque não necessariamente, a cada momento, as pessoas que estão mais próximas, na referência deles, das classes populares, podem representar o melhor para eles naquele momento no País.

Então, se a gente não entender esse simbolismo vai ficar difícil entender o que vai acontecer nesse país nos próximos tempos. Por quê? Estamos vivendo um momento em que essa ideia de representação - de que um grupo representa os mais pobres e outro grupo está mais perto dos ricos - está acabando. As pessoas estão perdendo as suas referências políticas, sobretudo essa classe C. No lulopetismo fica tudo claro, tem um grupo do lado de lá e um grupo do lado de cá. Na minha opinião o Lula perde uma eleição no Brasil. Diferentemente do que muita gente acha no Brasil, eu dou por certo que, se o Lula for candidato a presidente, ele perde.

Mas depois ele volta como uma representação, o lulopetismo organiza o que sempre organizou, os setores mais pobres da sociedade, no Nordeste, e aquilo tudo volta a ser organizado.


Mas na possibilidade, que eu acho mais provável, de o Lula ser impedido de ser candidato à Presidência, nós vamos ter um momento em que esses símbolos vão desaparecer e com isso a classe C vai ficar totalmente a pé na próxima eleição, sem símbolos, sem representação clara. É um momento em que, historicamente no mundo, o totalitarismo e os aventureiros tomam conta do País.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Rubens Figueiredo, a palavra agora é sua.



RUBENS FIGUEIREDO: Boa tarde. Essa pesquisa da Fundação Perseu Abramo buscou identificar na periferia da cidade de São Paulo quem votou no Fernando Haddad em 2012, quem votou na Dilma em 2014 e por que esse eleitorado, esse contingente de pessoas, não votou no PT na eleição do ano passado. E a gente nota no relatório, quando a gente vê o resultado da pesquisa, a profunda frustração do redator ao perceber que as pessoas são liberais - e isso foi identificado por nós já em 2011. A certa altura ele fala assim: as pessoas não têm mais consciência de classe, as pessoas pensam por si mesmas. Seria um liberalismo popular e o campo da esquerda deveria adotar ações “contra-hegemônicas” - isso está no final do relatório - para mostrar que existe uma divisão de classe, um conflito de classe que precisa ser resgatado pelo partido. Por aí se vê como a esquerda é criativa para inventar jargões.

A opinião pública brasileira hoje está muito machucada. De 2011 para cá, para ficar na nossa pesquisa original e na pesquisa que o PT fez no final do ano passado, nós tivemos os protestos de junho de 2013 e até hoje nós não entendemos o que era aquilo. Eu organizei um livro sobre aqueles acontecimentos, com a participação



A CERTA ALTURA ELE FALA ASSIM:
AS PESSOAS NÃO TÊM MAIS
CONSCIÊNCIA DE CLASSE, AS PESSOAS
PENSAM POR SI MESMAS. SERIA UM
LIBERALISMO POPULAR E O CAMPO
DA ESQUERDA DEVERIA ADOPTAR
AÇÕES “CONTRA-HEGEMÔNICAS” –
ISSO ESTÁ NO FINAL DO RELATÓRIO
- PARA MOSTRAR QUE EXISTE UMA
DIVISÃO DE CLASSE, UM CONFLITO
DE CLASSE QUE PRECISA SER
RESGATADO PELO PARTIDO. POR
AÍ SE VÊ COMO A ESQUERDA É
CRIATIVA PARA INVENTAR JARGÕES”.

do Roberto Macedo, do Túlio Kahn e do Rogério Schmitt. Eu reli outro dia, tem um monte de *insights* ali, mas acho que nunca vamos conseguir explicar por que aconteceu aquilo num contexto em que a presidente Dilma tinha 55 por cento de ótimo e bom nas pesquisas de avaliação do governo, o prefeito Haddad até então era o melhor avaliado nos seis primeiros meses de administração e o governador Geraldo Alckmin se elegeu no primeiro turno com folga. E por que aconteceu aquilo? Não foi só pelo aumento de 20 centavos nas tarifas de ônibus, não tinha crise econômica, não tinha uma insatisfação com os governos e as pessoas foram para as ruas com aquele entusiasmo.

Depois, em 2014 houve a eleição da Dilma. As classes populares, os mais pobres de que estávamos falando, aquele pessoal que não mora nos Jardins, tinham um pacto com o Lula e com o PT. Era assim: eu voto em você e vou conseguir mais. Nós fizemos na época 60 grupos de pesquisas. Houve um ano em que a eleição era a eleição do arroz com cimento. Não havia um só grupo de discussão em que mulheres de classe D e E não falassem que o arroz estava barato e que estavam consumindo. E com os homens era o cimento, o famoso puxadinho: o cimento estava barato e as pessoas estavam aumentando suas casas.

Nós jamais pensaríamos que o arroz e o cimento fossem tão importantes para aquela classe. E a Dilma quebrou esse pacto. Ela falou assim: continue votando na gente que você vai consumir mais, sua vida vai melhorar. E um mês depois ela chamou para o Ministério da Fazenda o Joaquim Levy, que representava um caminho de austeridade financeira, diferente do que ela pregava. Vocês se lembram daquele comercial de campanha eleitoral sobre o Banco Central? Eram pessoas em volta de uma mesa



com comida, e uma voz que dizia: “se o Banco Central ficar independente, a comida vai sumir da sua mesa”. E vinha aquele efeito visual da comida desaparecendo...

Então, a opinião pública, de uma maneira geral, se sentiu absolutamente traída. Isso também machucou. Depois veio o *impeachment* da Dilma. Não houve uma ruptura, foi um *impeachment* mais ou menos com continuidade, o vice-presidente assumiu e, embora ele tenha adotado uma política muito diferente, não houve uma percepção, não está claro para as classes populares, que foi o PT que colocou o Brasil com 13 milhões de desempregados, na maior recessão da sua história. Isso não aparece.


Outro fator foi a Operação Lava Jato, que também jogou lá embaixo a credibilidade da política, dos partidos.

Então, em apenas 5 anos o Brasil passou por situações extremas, por um verdadeiro cataclismo. E, nesse contexto, o que é que veio desde o ponto de vista do liberalismo? Uma mudança em relação à questão da privatização. A gente lembra que quando a privatização começou, no governo Fernando Henrique, houve aquela foto clássica, na Bolsa do Rio, de um manifestante chutando o traseiro de um dos participantes que tinham comprado uma empresa pública.

E tivemos aquela cena ridícula do Alckmin com aquele macacão cheio de logotipos de Correio, Petrobras, Eletrobrás, que era um jeito de o candidato se defender da pecha de que ele queria privatizar. Era um pecado mortal você querer privatizar. O Fernando Henrique fugiu. O Serra, na sucessão do Fernando Henrique, não defendeu a privatização porque não tinha condições, as classes populares achavam que privatizar era crime de lesa-pátria. Mas agora vimos o Dória, na eleição do ano passado, defender a privatização com a maior sem-cerimônia.

E uma coisa que percebemos em 2011 e apareceu agora nessa pesquisa da Fundação Perseu Abramo é a ideia de que o Estado atrapalha. Se eu não estiver errado, acho que é uma das primeiras vezes que isso aparece com essa força, a ideia de que o Estado atrapalha as pessoas. Não existe mais o conflito de classes, existe o conflito entre o cidadão e o Estado, também com esse avanço do empreendedorismo que o Paéco falou.

Agora, é interessantíssimo que essa mudança profunda na estrutura da opinião das pessoas não se reflete nas pesquisas de intenção de voto. Os nomes em que as pessoas votam significam o contrário desse avanço... Olha que interessante... Dá Lula em primeiro lugar, dá Ma-



E UMA COISA QUE PERCEBEMOS EM 2011 E APARECEU AGORA NESSA PESQUISA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO É A IDEIA DE QUE O ESTADO ATRAPALHA. SE EU NÃO ESTIVER ERRADO, ACHO QUE É UMA DAS PRIMEIRAS VEZES QUE ISSO APARECE COM ESSA FORÇA, A IDEIA DE QUE O ESTADO ATRAPALHA AS PESSOAS”.

rina em segundo... também não está muito lá liberal... Bolsonaro em terceiro, o Aécio estava em quarto até cair, e depois o Ciro Gomes, que não chega a ser exatamente um liberal. Compreender o que essa classe mais pobre pensa é fundamental, porque a nossa experiência vem muito de uma classe média que pensa de uma maneira completamente diferente, tem uma vida muito diferente da maioria esmagadora do eleitorado. E o marqueteiro é sempre alguém que está longe também, não tem marqueteiro que mora na favela. É por isso que fazer essas pesquisas é importante.

Nós fizemos uma campanha numa cidade aqui perto, Mogi das Cruzes, que tem televisão. E aí se viu que os dados do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) colocavam a cidade como a que mais tinha criado empregos no Estado de São Paulo. Aí o sujeito da televisão lá falou: vamos fazer um comercial falando que em Mogi tem emprego. Nós fizemos o comercial, mas eu fiquei desconfiado e disse: vamos testar. E levamos para um grupo de discussão. Ninguém acreditou, porque o dado frio fica muito longe da vida das pessoas. Eu lembro que uma senhora disse: “Como assim, tem emprego aqui? Eu estou desempregada, meu vizinho está desempregado, meu sobrinho está desempregado”.

Então, a experiência de vida das pessoas é muito diferente. Nós vivemos uma monumental crise política, mas na vida das pessoas a política está em 7º ou 8º lugar em termos de prioridade. E fica a questão de como se vai recuperar a credibilidade na política, se essa política está tão longe das prioridades do eleitor médio. Obrigado.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Obrigado Rubens. Agora, peço ao Rogério Schmitt, também cientista político e colaborador do Espaço Democrático, para fazer o seu comentário.

TINHA LÁ UMA PERGUNTA - VOCÊ TEM QUE ESCOLHER ENTRE DUAS OPÇÕES: QUANTO MAIS BENEFÍCIOS DO GOVERNO EU TIVER, MELHOR ESTARÁ A MINHA VIDA; OU ENTÃO, QUANTO MENOS EU DEPENDER DO GOVERNO, MELHOR ESTARÁ A MINHA VIDA. NESSA PERGUNTA, O ELEITORADO SE DIVIDIU LITERALMENTE AO MEIO: 47% PARA CADA LADO, OU SEJA, METADE DA POPULAÇÃO ACREDITA QUE QUANTO MAIS BENEFÍCIOS O GOVERNO PUDER OFERECER, MELHOR VAI SER PARA MIM, E A OUTRA METADE EXATAMENTE O CONTRÁRIO.



ROGÉRIO SCHMITT: É muito bom estar aqui na companhia do Paéco, do Rubens e de todos vocês. Não vou fazer um comentário, só vou levantar uma bola aqui para enriquecer essa discussão. Lembrei que essa discussão sobre valores aparece em muitas pesquisas, além dessas que já foram mencionadas aqui. E aí encontrei uma pesquisa nacional feita pelo *Datafolha* em 2014, em plena campanha eleitoral, uma pesquisa quantitativa tradicional, diferente dessa pesquisa da Fundação Perseu Abramo, que foi uma pesquisa qualitativa...E duas perguntas me chamaram a atenção. Eles mediram os valores da população em várias questões de comportamento e temas econômicos, mas duas respostas me chamaram a atenção, que tem muito a ver com o que está sendo debatido aqui, que mostram até resultados contra-intuitivos, que confirmam aquilo que já em 2011 o Espaço Democrático percebeu. Tinha lá uma pergunta - você tem que escolher entre duas opções: quanto mais benefícios do governo eu tiver, melhor estará a minha vida; ou então, quanto menos eu depender do governo, melhor estará a minha vida. Nessa pergunta, o eleito-

rado se dividiu literalmente ao meio: 47% para cada lado, ou seja, metade da população acredita que quanto mais benefícios o governo puder oferecer, melhor vai ser para mim, e a outra metade exatamente o contrário. Eu não tive tempo de abrir esse dado por faixa de renda, mas certamente se essa pesquisa tivesse sido feita há 5, 10 ou 20 anos atrás acho que a balança ia pender muito mais para o lado do paternalismo estatal. E a outra pergunta que me chamou a atenção tem a ver com os impostos, em que também se repete esse padrão bipolar, de divisão quase meio a meio. A pergunta era se é preferível pagar mais impostos e receber serviços gratuitos de educação e saúde ou se é preferível pagar menos impostos e contratar a saúde e a educação particular. De novo, a divisão: 43% preferem pagar mais impostos e receber mais serviços do governo e 49% responderam que preferem pagar menos impostos e ter o seu plano de saúde e colocar o seu filho num colégio particular. Essa é a bola que eu queria levantar aqui para debate.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Essa pesquisa é de 2014, não é?

ROGÉRIO SCHMITT: Sim, novembro de 2014.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Apenas para efeito de ilustração, eu coloquei aqui a metodologia dessa mostra da pesquisa da Fundação Perseu Abramo. Esse pessoal que votou no PT de 2000 a 2012, mas não votou no Fernando Haddad nas eleições municipais de 2016, nem na Dilma na eleição presidencial de 2014. É um reflexo dessa tendência de mudança que foi detectada desde 2011. Na sequência, vou pedir ao Túlio Kahn, outro cientista e colaborador do Espaço Democrático, para fazer o seu comentário.



TÚLIO KAHN: Eu vou aqui puxar o cordão para a segurança pública, porque nas pesquisas relacionadas à questão da segurança se percebe que o morador da periferia não só não tem consciência de classe como também não tem noção do perigo. Você pega uma pesquisa como a que fizemos em 2011 e vê apoio à pena de morte, à polícia usar tortura, a uma maior liberação de armas de fogo, esse tipo de coisas... Mas quem morre por arma de fogo ou é torturado pela polícia não somos nós, a classe média dos Jardins. São eles, né? Não têm noção do perigo. Há uma contradição, porque o risco objetivo é muito maior para esse segmento.

Então, o problema é como a gente sai dessa armadilha, porque na medida em que nas pesquisas a população apoia essas demandas, obviamente surgem candidatos que as defendem - e são eleitos com essas propostas. Está aí a bancada da bala no Congresso. É o delegado tal, tenente fulano e sargento beltrano nas câmaras, nas assembleias estaduais e na representação federal. Então, com eles defendendo esse tipo de proposta, a gente fica num ciclo vicioso há décadas, com uma das piores situações de se-

gurança no mundo em termos de homicídio, ou de qualquer indicador que se pegue. E você não consegue eleger representantes que defendam mudanças nesse paradigma. É o contrário: quanto pior a segurança fica, mais a população fica amedrontada e insegura e mais apoia esse tipo de proposta e esse tipo de candidato. Então, a questão é como romper esse ciclo vicioso, uma vez que no regime democrático as opiniões são levadas em conta e elas acabam elegendo certo tipo de representação.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Obrigado, Túlio. A ideia é exatamente essa, quando a gente convidou pessoas de perfil diferente foi para que cada um puxe a análise para sua própria *expertise*. Para encerrar essa parte inicial de comentários, eu queria convidar o Roberto Macedo, também da Fundação Espaço Democrático, para fazer a sua contribuição.



ROBERTO MACEDO: Bem, eu gostaria de levantar aqui uma questão metodológica, pois eu confesso o meu desconhecimento do assunto. Eu sempre fiz pesquisas a partir de fontes secundárias, de números, trabalhei muito

com regressões... Agora, acompanhando essas pesquisas de opinião, tipo Datafolha, noto lá que eles entrevistam pelo menos mil pessoas. Aí eu vi pelos jornais, posso estar errado, que essa pesquisa do PT entrevistou só 72 pessoas. Fiquei pensando por que uma pesquisa qualitativa do PT vai trabalhar com amostra tão pequena, se isso é relevante ou não, ou se estão faltando recursos no PT para fazer uma pesquisa maior.

Agora, alguns resultados não me surpreendem. Eu já fui um cara da *Vilanova (Faculdade de Economia da USP, da rua Doutor Vilanova, em São Paulo)*, conheci muita gente da *Fefêleche (FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP)*, esse pessoal que acredita na união da classe operária, etecétera e tal. Mas eu acho que essa gente da periferia é uma classe muito heterogênea, há uma grande pulverização dessas pessoas. Um cara da favela é diferente desse pessoal com que o sindicalismo se formou. Eu morei na Inglaterra e lá há aquelas cidades mais antigas onde o sindicalismo funciona em torno de operários de uma mesma base, tipo mineração, ou indústria automobilística, ou têxtil. Aí você pega esse pessoal da periferia, um é metalúrgico, um da favela, outro funcionário público... qual é a identidade deles? Confesso que não sei.

Mas eu acho que alguns resultados não devem surpreender. Por que esse pessoal vota no Lula? Eu acho que isso é uma questão particular, porque ele é um líder que inclusive tem a sua meritocracia, capacidade, que preza muito a família, em particular os filhos... Então, o Lula é um sujeito populista, que atende a interesses pessoais, particulares desse pessoal aí. Tem gente que vai falar assim: eu posso prestigiar a meritocracia, mas se aparecer uma Bolsa Família uma aposentadoria qualquer, eu pego. É individualista.



Concluindo, eu até gostei da pesquisa, mas a minha preocupação fundamental é se ela tem sustentação do ponto de vista metodológico. É preciso começar a explorar isso aí com a devida cautela

LUIZ ALBERTO MACHADO: Só vou explicar, como o Roberto falou dessa amostra, que foram 63 pessoas entrevistadas, todas elas moradoras de periferia da cidade de São Paulo. Agora, sobre a questão da validade dessa metodologia, eu devolvo a palavra ao Paéco, que é o especialista.

PAÉCO: Veja bem: a pesquisa qualitativa se firmou no mundo da política mais ou menos no começo da década de 70 no mundo inteiro. Todos os partidos políticos começaram a fazer pesquisa qualitativa. No Brasil se demorou um pouco para trabalhar com isso por causa da ditadura, mas assim que houve a redemocratização as pessoas começaram a fazer essas pesquisas. As pesquisas qualitativas reúnem poucas pessoas de um

determinado perfil ou extrato social, segmentadas por sexo e por idade, para conversar sobre um determinado tema, num roteiro pré-estabelecido. Que validade estatística isso tem? Nenhuma. Entretanto, ela tem uma característica, um mérito: ela consegue perceber como as pessoas de um determinado segmento estão construindo as suas ideias e percepções, as suas objeções e as coisas positivas que elas têm a respeito de determinado grupo, de determinadas pessoas, de determinado político. E por que isso é possível? Porque se você der o mesmo grau de informação para essas pessoas, a cabeça delas tende a manipular aquela informação de uma maneira semelhante. Essa é a ideia central. Se eu informo você de uma determinada maneira, a maneira com que você vai processar aquilo é igual. Eu, você, todo mundo que está aqui nessa sala.

Como eu disse aqui, a gente não precisa fazer pesquisa entre nós, entre os nossos amigos dos Jardins. A gente está careca de saber, a gente vai no boteco, a gente conversa, a gente sabe

como as ideias foram se organizando e estão se formando. Mas na Classe C você não conhece, a gente da periferia tem outras necessidades, outras dificuldades. Normalmente o sujeito levanta às 4 horas da manhã, 5 horas da manhã, pega uma condução pro trabalho e volta pra casa às 7 horas da noite. A gente não tem contato com essas pessoas. Por que coloca para conversar sobre determinado tema? É que aí você tem um trabalho de análise para perceber o que é relevante para o objeto que você está pesquisando.

Por exemplo: eu quero saber como as pessoas estão pensando sobre o Lula, hoje. Vira e mexe a gente faz grupos, fizemos recentemente alguns em que as pessoas aceitam conversar sobre o Lula. Quando eles conversam entre si é como se houvesse oito caras assistindo a um jogo de futebol e a gente trouxesse eles para sentar e conversar aqui com a gente. É um espaço privilegiado em que existe um espelho de um lado e do outro e você escuta eles conversando sobre um determinado tema. Por exemplo, sobre o Lula. O que falam sobre o Lula, hoje? Eles falam assim: “No tempo dele era melhor”, “minha vida era melhor no tempo do Lula”. “Ele rouba, né, mas todo mundo rouba também, né”?

Então, esse mesmo cara que já falou da meritocracia, que já falou da família, que é liberal do ponto de vista econômico, que é conservador do ponto de vista moral, que acredita na privatização - desde que seja em coisas pequenas, não vamos botar a Petrobras aí que 85 por cento são contra, porque parece que estão roubando uma coisa dele. Em alguns setores, como no transporte público, eles aceitam porque não acham que estão tirando deles. Mas quando é Petrobras parece que é deles, o Estado é deles, então, se você privatiza, parece que está tirando deles.

Aí, por que o Lula aparece com 30 por cento

de intenção de votos? Porque existe uma referência da grande maioria da classe C do Brasil inteiro e muito mais forte no Nordeste, de que no tempo do Lula a vida melhorou. Eu estive trabalhando na Colômbia, onde o presidente Juan Manuel Santos, e o que o antecedeu, Álvaro Uribe, conseguiram fazer uma mudança não tão radical, mas significativa, da ascensão da classe C, tirando uma parcela da população da pobreza. Dois conservadores. O Uribe conseguiu eleger o Santos, que agora está com dificuldade de se reeleger. Eles não conseguiram pegar para eles o mérito daquilo.

O caso do Lula é que ele se apropriou desse momento em que o Brasil se desenvolveu economicamente, em que aumentou brutalmente o consumo das mercadorias, o preço das mercadorias caiu, o nível do comércio cresceu e o preço das *commodities* subiu. E, é claro, ele fez um programa de amparo social, o Bolsa Família, que é pequeno considerando-se o volume total do Brasil, mas significativo para uma parcela da população, que ajudou também. Ele se apropriou disso, ele virou o cara que fez isso. Foi o processo econômico, mas na cabeça das pessoas foi o Lula que melhorou a vida delas.

Outra coisa que é superimportante quando se fala de política nesse momento em que a gente tem uma crise de representação que é estrutural, mas tem também uma crise de credibilidade na política que é conjuntural por causa da Lava Jato, com as duas juntas, uma fortalecendo a outra, nesse momento quando esse cara da classe C está lá conversando com a gente naquele grupo, a visão que ele tem dos políticos é a pior possível. Os políticos só pensam neles, só pensam entre eles, tudo o que eles fazem é para eles, e eles não pensam no outro.

Quando alguém, por simbolismo, representação ou marketing, de alguma maneira consegue

conectar a ideia de que o que ele faz é para o cidadão, o resultado eleitoral é brutal. Ele cresce brutalmente em termos eleitorais. A ideia de que ele não está pensando neles, mas está pensando em mim. E o Lula passou essa ideia. Essa ideia continua e não é sem razão que, apesar de todo o bombardeio brutal da mídia em cima do descalabro que aconteceu neste País, de tudo o que Lula fez, ele tem 35 ou 38% de intenção de voto.

ROBERTO MACEDO: Obrigado pelo seu esclarecimento, embora eu ache que, se pudesse, deveria aumentar o tamanho da amostra. Agora, tem um risco aí: muita gente está interpretando essa pesquisa com um alcance mais amplo, e é uma pesquisa que, para mim, está limitada a essa periferia. Se você fizesse, talvez, numa cidade, pode ser lá no Nordeste, em que a população estivesse lá na periferia, mas dependente de um engenho de cana e não tivesse outra alternativa, ia dar outra coisa.

PAÉCO: Perfeitamente...

ROBERTO MACEDO: O pessoal está generalizando.

PAÉCO: Não se pode generalizar de jeito nenhum. E isso para São Paulo vale mais, porque São Paulo é a cidade mais desenvolvida do País. Não vamos confundir. A classe C de São Paulo é muito desenvolvida, nem sequer é a mesma coisa que a classe C de uma cidade como Recife, por exemplo. Tem diferença.

Agora, em relação àquela questão que o Rogério colocou, eu fiz há alguns anos uma pesquisa muito parecida com a do Datafolha, que deu resultado muito dividido também. A pesquisa era a seguinte: o que você prefere? Um



Estado que trabalhe para os mais pobres ou um Estado que permita você se desenvolver livremente. Não me lembro exatamente dos temas, mas era sobre liberalismo, quer dizer, um Estado protetor ou um Estado que deixasse você se desenvolver. Deu mais ou menos metade da população. Mas se você pegasse São Paulo já daria diferença, porque o Brasil ainda tem cerca de 15 por cento de população rural, em torno de muitas cidades pequenas. Então, não posso comparar São Paulo com o Brasil mas nem de longe. Eu não fiz essa pesquisa aqui na cidade de São Paulo, mas se você fizer vai dar o que deu a pesquisa qualitativa. Na cidade de São Paulo eu calculo que cerca de 60 por cento, ou nessa ordem de grandeza, preferem um Estado fraco, menos protetor.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Antes de você falar, Rubens, eu vou colocar uma questão para provocar. O Lula, pegando aqui os dois elementos fundamentais da pesquisa - a meritocracia e a família. O Lula passa essa ideia da meritocracia porque vem de baixo, etc. Já o Fernando Haddad era visto como um intruso nesse aspecto, está longe de ter a mesma biografia do Lula. No entanto, o grande fenômeno eleitoral dos últimos tempos é um cara como João Dória, tem nada a ver com isso, mas ele usou esses elementos

durante boa parte da campanha dele. Ele falava muito do mérito dele, que o pai perdeu tudo, foi exilado, teve de construir tudo do nada, ajudou a mãe, que não conseguia pagar a conta de luz... Isso é marketing, não é verdade? Mas o fato é que ele usou esse argumento - "não sou político, valorizo o mérito", vive falando da família e esse negócio todo. Então, até que ponto essa origem social entra nessa percepção e vai ser um elemento fundamental nas próximas eleições?

RUBENS FIGUEIREDO: Está parecendo aí que, no imaginário popular, o Estado deixou de ser forte, e acho que isso não é verdade. Eu acho que não, as pesquisas mostram que não é verdade. O próprio Rogério falou aqui que a coisa está dividida, meio a meio. E essa pesquisa da Fundação Perseu Abramo teve essa repercussão que está tendo porque foram eles que fizeram. Nós fizemos uma em 2011 e a repercussão ficou longe dessa que está acontecendo agora. Então, o Paéco falou aí da Petrobrás, existem essas coisas do simbolismo de que o Estado é importante e, como o Roberto Macedo apontou, uma pesquisa no Nordeste seria muito diferente do que aconteceu aqui na periferia de São Paulo, onde as pessoas tomam vinho e comem sushi e sashimi.

A questão da origem de classe, isso depende muito... Fernando Collor sempre foi da elite mas naquele momento ele representou algo que a sociedade queria. Ele dizia que era alguém contra a corrupção, que iria acabar com a inflação com um tiro só, acabar com os marajás... O Fernando Henrique está longe de ser um homem de extração popular e representou naquele momento o quê? A estabilidade, pela primeira vez as pessoas tinham ideia do que era valor do dinheiro, houve também um

aumento muito grande no consumo. Agora, o Lula é um ser especial, o Paeco já apontou, ele é um deles. As pessoas se identificam com o Lula porque pensam: "Esse é onde eu posso chegar se eu tiver oportunidade e fizer as coisas direito, além da capacidade excepcional de comunicação com as pessoas. Não é que ele fala como o pobre fala, ele viveu com os pobres. É diferente. Ele tem uma série de passagens que são espetaculares e a simpatia que ele tem.

A questão do Dória, como eu apontei um pouco antes, esse campo que representa esse liberalismo não tem representantes. Dá Lula, dá Marina, tem Bolsonaro, mas alguém que represente isso aí não existe. Eu acho que o Dória vem muito mais por ser apolítico, a força dele vem muito porque esse momento é de crise econômica. São 13 milhões de desempregados. Você chegar na televisão e falar assim: cada um que vá arrumar o seu próprio caminho na vida, numa crise política monumental e numa crise econômica que é a maior da nossa história, não é um discurso bom. Agora, ele falar: "Eu trabalho para você, eu me visto de gari e vou para rua carpir mato lá da praça, eu privatizei e melhorou, eu prometi aumentar a velocidade nas marginais e aumentei, eu prometi tirar o acampamento dos sem-teto da avenida Paulista e tirei na mesma semana em que prometi". Então, essa simbologia é muito forte. E olha que ele conseguiu isso em seis meses.

ROBERTO MACEDO: Ele se comunica bem.

RUBENS FIGUEIREDO: Ele se comunica excepcionalmente.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Nesse caso da saúde ele obteve um resultado concreto.

RUBENS FIGUEIREDO: É, ele fez o “Corujão”: as pessoas que estavam há anos esperando um exame, fizeram seus exames em 40 ou 50 dias depois que ele tinha assumido a Prefeitura. Ele fez aquilo que prometeu. E ele é definitivamente o que tem de novo. A sociedade quer uma coisa que ele representa. Então, ele é um candidato fortíssimo.

Só para terminar: estamos vivendo um período das reformas. A resistência da sociedade às reformas é monumental, muito porque o governo não está se comunicando direito, mas as pessoas, em geral, não querem mudar o protecionismo, não querem mudar a Previdência. O que o governo está pedindo? Você vai trabalhar mais, pagar mais e ganhar menos. Quer dizer, embrulhado desse jeito, é muito difícil vender um pacote desses. Então, a gente tem que celebrar aqui esse liberalismo, mas também ter em conta o poder e a força e a simbologia que o Estado brasileiro ainda tem na mente das pessoas.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Uma questão que foi levantada aqui, que acho interessante, é o fato de ele assumir posições. Foi ridícula aquela cena de duas eleições atrás, do Geraldo Alckmin aparecer com um colete cheio de logotipos de estatais, a Petrobras ali, não sei o que ali... e o João Doria tem assumido essa postura. “Vou privatizar”, diz ele, sem maior escrúpulo. Claro que ele ainda não falou em Petrobras, pois não tem a competência para tanto, mas resta saber como vai ser a transição do discurso municipalista para temas nacionais em que a questão é outra, a percepção é outra. Eu queria colocar a palavra à disposição da plateia, se alguém quiser fazer perguntas.



ALDA MARCO ANTONIO: Eu quero cumprimentar o Espaço Democrático por ter trazido essa figura maravilhosa que é o Paéco, que tem uma vida inteira dedicada a esse tema. Eu considero um privilégio ter ouvido você hoje, Paéco. Parabéns. Quero dizer que estamos em uma encruzilhada. Ouvimos o depoimento de todo mundo aqui e ninguém chega a um consenso. Eu sinto assim, Paéco: você sabe que eu vim da roça, sou do Interior, e quando o passarinho começa a piar demais durante o dia, vem tempestade. Eu sinto que estamos às vésperas de algo muito forte, algo que vai acontecer, mas ninguém sabe direito por onde vai. Imagina a figura do Dória, que nunca foi candidato antes e de repente vem com um discurso, apresenta o dele, fala bem, é bem entendido. Então, ele tem muitas qualidades que faltam à maioria dos políticos, aquela coisa da resposta rápida. Mas eu torço pelo Brasil. O Brasil vai ficar vazio. Se essa história dessa delação que veio à tona, quase 100 políticos, políticos importantíssimos, políticos que sabem tocar a democracia, pessoas que conseguem manter o Congresso funcionando e ativo. Quem sabe onde vai acabar isso? Hoje, nós não sabemos. Então, temos que preservar

ao máximo possível essas pessoas mais sérias, mais competentes, mais equilibradas, para tentar tocar o Brasil depois desse furacão. Estamos praticamente no olho de um furacão e estamos discutindo pesquisa qualitativa!

Ora, é revoltante ver o espaço que essa pesquisa do PT ganhou na imprensa. Nós estamos falando aqui em “batalhadores” há 3 ou 4 anos. Aqui mesmo temos um amigo, que infelizmente não está presente, o Aloyzio Azevedo, que já escreveu, sem fazer nenhuma pesquisa, com base só na percepção dele, sobre o que são e o que pensam os batalhadores brasileiros. Aí essa pesquisa recebe uma luz imensa, porque é uma proteção de uma parte da imprensa que é viciada em PT. É revoltante mesmo, porque tem um peso extraordinário.

ROBERTO MACEDO: A imprensa gosta do insólito, seja lá o que for.

ALDA MARCO ANTONIO: É uma coisa que revolta mesmo. E acho que nós do PSD temos uma grande chance de nos preparar para segurar o rojão. Nas próximas eleições não vamos ter condições de ir sozinhos, mesmo porque nós temos presidenciáveis dentro do partido, mas com certeza se um dos nossos presidenciáveis for candidato, não vai conseguir sozinho. Acho que nós temos que trabalhar as ideias aqui para uma certa aliança com pessoas que pensam mais ou menos a mesma coisa e segurar o rojão do País.

Nós não sabemos amanhã como é que vamos acordar. Aliás, ninguém sabe. Seis horas da manhã, banho tomado, todo mundo de pé, e ninguém sabe o que vem pela frente. Então, eu só queria dizer o seguinte: a alegria de ter ouvido vocês e lembrar a responsabilidade que nos toca, enquanto pessoas que militam num partido político que tem responsabilidade com

o país, responsabilidade com o futuro. E a minha fé nas pesquisas. Não vou perder a fé nas pesquisas, Paéco, mas que elas têm levado lambadas, têm. Nas últimas eleições, às vésperas, nem as bocas de urna batem.

PAÉCO: Não as minhas. (risos)

ALDA MARCO ANTONIO: Mas é no mundo inteiro, não é só no Brasil. O mundo inteiro está em convulsão e acho que nós que temos essa consciência da responsabilidade, temos que nos preparar para dias piores e para enfrentar as dificuldades que vêm pela frente. E mais uma vez parabenizar o Espaço Democrático por abrir essas discussões.


LUIZ ALBERTO MACHADO: Obrigado, Alda. Eu queria complementar juntando à sua fala um comentário sobre o que já foi dito aqui antes: momentos de vazio como esse favorecem o aparecimento de salvadores da pátria. Um partido como o nosso precisa tomar muito cuidado para não se deixar levar por isso. Tenho orgulho de fazer parte de uma fundação como essa. Nenhum partido tem feito um trabalho como o que a Fundação Espaço Democrático tem feito, no sentido de trazer à discussão temas dessa natureza, com pessoas integrantes do partido ou mesmo de fora. É um patrimônio que nós temos que saber aproveitar aqui dentro.



ALEXANDRE DEPIERI: Primeiro, quero para-

benizar a mesa, que me traz uma lucidez maior do que eu tinha sobre esse cenário. Eu esperava um resultado e estou vendo outro, dentro daquilo que a gente vivencia. Nossa cidade de Taboão da Serra é uma das menores cidades do Estado de São Paulo, com pouco mais de 20 km quadrados, cerca de 300 mil pessoas e 62 comunidades. O que pondera lá é a periferia. Então, se você quer saber o resultado de uma eleição, você vai aonde? Na periferia e no salão de cabeleireiro, aí você sabe o que o povo está pensando. Essa é a pesquisa que se faz lá, na minha cidade. Agora, qual foi o resultado das urnas? O assistencialismo. Quem tinha obra social, trabalho social, foi quem teve resultado positivo. A gente fala assim: tá, mas isso é na periferia. E o que envolve as outras classes, denominadas A ou B? Ah, sim, a grande mídia, aquilo que aparece na televisão, nas redes sociais, e nem sempre a pessoa das classes C e D vai atrás disso, porque ela não tem tempo. Ela sai às cinco horas da manhã e volta muito tarde, ela começa a conversar nos pontos de ônibus, nos salões, etc. Eu queria entender esse processo. Como é que você consegue trazer essa transparência de uma forma mais real. Às vezes as pessoas iam lá na nossa cidade fazer uma pesquisa, somos 300 mil pessoas, e eu pensava: mas será que isso dá resultado? E às vezes a gente via que não dava. Eu só queria entender um pouquinho mais isso. Obrigado.

PAÉCO: A pesquisa quantitativa está cada vez mais difícil de ser feita. Por quê? Porque, tradicionalmente, você batia na porta da casa das pessoas, entrevistava as pessoas - era a chamada entrevista domiciliar. Hoje, em metade da cidade de São Paulo você não entra nas residências, porque estão em condomínios horizontais ou verticais, inclusive na periferia. Então aí você



A PESQUISA QUANTITATIVA ESTÁ CADA VEZ MAIS DIFÍCIL DE SER FEITA. POR QUÊ? PORQUE, TRADICIONALMENTE, VOCÊ BATIA NA PORTA DA CASA DAS PESSOAS, ENTREVISTAVA AS PESSOAS – ERA A CHAMADA ENTREVISTA DOMICILIAR. HOJE, EM METADE DA CIDADE DE SÃO PAULO VOCÊ NÃO ENTRA NAS RESIDÊNCIAS...”

já tem um problema, não se pode mais fazer a pesquisa domiciliar, que é a grande tradição da pesquisa no Brasil e no mundo. Depois disso inventou-se a pesquisa por telefone - telefone fixo. Mas diminuiu o número de telefones fixos no Brasil nos últimos cinco ou seis anos... 65 % da população tinham telefone fixo e agora só 50%, porque as pessoas estão trocando o telefone fixo pelo celular... E fazer pesquisa pelo celular é muito mais complicado. Parece que as empresas vão ser obrigadas a fazer pesquisa por celular, sabendo já de antemão quem é o entrevistado. Enfim, é difícil.

Então, as pesquisas têm errado muito no mundo, esse é um fenômeno mundial. Por isso eu digo que não adianta simplesmente fazer pesquisa, tem que ter análise, tem que entender o que está acontecendo. E sobretudo hoje em dia, precisa ter uma história daquele local onde você está fazendo a pesquisa, aí você tem mais chance de acertar. Outro dia, num segundo turno, um sujeito me pediu para fazer uma pesquisa no Guarujá. Cheguei lá e disse: eu faço, mas só se o senhor fizer pesquisa qualitativa antes, e fizer duas, porque não conheço Guarujá. Lá em Mogi o Rubens acerta a pesquisa, mas ele faz pesquisa direto lá, há muito tempo. Então, de fato está sendo muito difícil fazer pesquisa e é preciso muito bom senso e uma análise muito fria dos resultados. Está difícil mesmo e vai continuar assim. Eu não sei se nas próximas eleições os grandes institutos vão acertar, não sei.

Além de tudo, as pessoas estão arredias, elas não estão falando o que pensam efetivamente. No lugar em que você vive, se a opinião pública é muito favorável a um determinado tema, se você for contrário àquilo você não fala, você não dá opinião, às vezes você simplesmente não responde a pesquisa ou muitas vezes fala

o oposto do que você está pensando, para satisfazer a opinião pública dominante. Foram os casos do Trump, do Brexit, da Colômbia.

De todo modo, com bom senso, com trabalho duro, dá para acreditar ainda nas pesquisas. Sobre a questão que você colocou, de entender a classe C em Taboão da Serra, lá é parecido com Diadema. Eu fiz pesquisa em Diadema para o Lauro Michels e acertei, mas foi superdifícil também, mais ou menos como Taboão, porque é pequeno, concentrado demograficamente, praticamente classes C e D e lá, ainda, 70 por cento do município foram ocupações. Era do lado da represa, foram ocupando, ocupando... não têm sequer o título de propriedade. Taboão também tem muito isso.

Quando você pensa em política, tem que pensar que as pessoas pensam na política como a décima quinta coisa. Primeiro ele pensa na filha que foi ao médico, depois no patrão que enche a paciência, depois naquele pneu do carro que furou, ele quer trocar e não tem dinheiro, depois no sobrinho que amola a filha dele... tudo isso para ele é a prioridade A e a última prioridade, lá em baixo, é a política. Então, como o sujeito pensa a política? Ele tem que ter algumas referências. A gente também se move por referências nas coisas que a gente não conhece, ou não trabalha. Quando você constrói uma determinada referência na política, você constrói um tremendo patrimônio e em cima disso consegue se movimentar, consegue força, consegue votos.

Por exemplo: em São Paulo havia claramente uma referência vermelha e outra azul. Nunca o PT ganhou uma eleição na Zona Oeste da cidade e nunca perdeu eleição em alguns colégios das zonas Sul e Leste. Na cidade de São Paulo você faz claramente um mapa, vermelho de um lado, azul do outro, quanto mais perto do



centro expandido era azul, quanto mais perto da periferia era vermelho. Aquelas pessoas tinham essas referências. O prefeito Fernando Haddad perdeu a referência, quando ele não representou mais o vermelho, perdeu a eleição. Quando representava aquela referência, a Marta Suplicy venceu ou tinha grandes votações, mas perdeu a referência e perdeu a eleição. E no momento em que não há referências tudo pode acontecer, inclusive o fenômeno de o Dória ganhar a eleição no primeiro turno.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Uma importante instituição considerada na política brasileira são os sindicatos. No entanto, também uma parcela considerável da população vê hoje o sindicato quase como uma amostra miúda do estado protetor e tem bronca do sindicato. De alguma coisa que durante muito tempo o sindicato garantia, a força do sindicato, o imposto sindical, a estabilidade e assim por diante. Isso é uma coisa que está mudando no referencial das pessoas?

RUBENS FIGUEIREDO: Acho que está. Tudo está mudando. Os sindicatos foram concebidos em uma estrutura produtiva completamente diferente. Eu estudei na minha tese a FIESP. Tem lá Sindicato das Indústrias de Roupas Brancas Para Senhoras, Sindicato da Indústria de Chapéus, Sindicato das Indústrias de Bengalas... é um negócio medieval a atividade sindical. No Brasil houve uma multiplicação de sindicatos, que é por unidade territorial, e aí você tem, por exemplo, Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica de Itu e Região - e esse sindicato tem imposto sindical, etc. Nem as profissões a gente sabe direito o que são hoje. O sujeito trabalha em casa, faz um trabalho remoto. Então, mudou e as pessoas tem uma percepção maior, que aparece nas pesquisas, de que elas dependem muito mais delas do que de organismos coletivos que possam beneficiá-las.

E a coisa do assistencialismo, que você perguntou... bem, o sujeito está lá na periferia, não tem ninguém a quem possa recorrer, morreu alguém da família e aí vai lá um vereador - isso

é clássico - que arranja um ônibus para levar a família ao velório. Eu acho que seria esquisito se o eleitor não votasse nesse sujeito e votasse em alguém que está defendendo uma política de desenvolvimento para a cidade daqui a vinte anos. É a experiência que o Paéco falou, o sujeito tem que ter uma referência.

E só para acabar, um aspecto importantíssimo que a Alda citou é essa vibração da sociedade, os formadores de opinião em geral, pelo que está acontecendo na política, como se tudo se desintegrasse e surgisse um novo sistema, muito mais puro, com pessoas melhores, quando a gente sabe que não é assim. E os analistas políticos, hoje, se dividem entre os extremamente mal humorados, os histéricos e os neurastênicos. Hoje tem uma entrevista do Fábio Vanderlei Reis na Folha que eu vou recortar e botar na parede do meu quarto. É um negócio de bom senso. Acaba tudo, e aí? Aí, por geração espontânea, vai surgir um novo sistema político?

E também essa ideia de os políticos fazerem uma reforma política "sem combinar com os rusos", quer dizer, botar lá o tal sistema de lista fechada sem fazer um referendo e falar "olha aí, reformamos" - ah.. aí não vai dar certo.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Paéco, suas considerações finais.

PAÉCO: Um tema relevante, realmente, no Brasil de hoje é, como eu disse, a crise de representação, que é estrutural, não é só do Brasil. O mundo inteiro vive uma crise de representação na política, as pessoas não se sentem representadas. E a crise conjuntural de legitimidade dos partidos e dos políticos no Brasil. Esse é o problema mais grave que estamos vivendo. Quando acordo pela manhã e penso no futuro

do Brasil, eu fico nervoso, eu fico tenso, porque realmente está difícil você conseguir construir um caminho. Mesmo entre as pessoas de bem, ou as pessoas próximas da gente, está difícil ver um caminho. Claro que nós que estamos aqui sabemos da importância da democracia. Alguns de nós aqui, o Macedo, eu, o Rubens, a Alda, nós vivemos uma ditadura e a gente sabe o que é isso, o quanto isso roubou da gente durante 30 anos. Mas não sei exatamente para onde este País está indo. Nós precisamos trabalhar duramente para defender a política, para defender as instituições, para defender a importância da representação política nesse País.

Isso é uma batalha ladeira acima, mas se a gente não combater isso duramente, eu não sei onde nós vamos parar. Nós vamos parar na mão de aventureiros ou de autoritários e foi o caminho que sempre a História escolheu quando se chega a um momento como esse. E tem também o temor da volta do autoritarismo de alguma forma. Achar que uma pessoa que saiu de uma empresa e resolveu fazer política, e que por isso ela sabe tudo, ela sabe bem pouco. Não é assim... Ter uma boa oratória, saber se comunicar não representa construir partidos nem construir coletivamente alguma coisa. Eu sinceramente estou bastante preocupado.

RENATA RONDINO: Só um comentário rápido... Eu não costumo defender os coleguinhas, mas diante da indignação da Alda em relação ao fato de a imprensa ter dado destaque a essa pesquisa da fundação do PT, e não à nossa pesquisa, isso se deve principalmente ao fato de que durante 13 anos nós fomos praticamente levados a acreditar que havia um ódio entre ricos e pobres, que os ricos odiavam os pobres e que ricos não queriam o pobre no avião, nas universidades. E sempre se vendeu a ideia de

...O POBRE GOSTA DA PROPRIEDADE PRIVADA, QUE ELE NÃO TEM ESSA IDEIA DE QUE O QUE É MEU É DE TODO MUNDO, DE QUE O MEU PATRÃO É AQUELE QUE ME EXPLORA... ELE É LIGADO À FAMÍLIA E À RELIGIÃO... ENFIM, ELES VENDERAM TANTO TEMPO QUE O POBRE ERA ASSIM E DE REPENTE A PRÓPRIA PESQUISA DELES DIZ EXATAMENTE O CONTRÁRIO, REVELA QUE O POBRE QUE ELES INVENTARAM NÃO EXISTE DE FATO”.

que pobre era aquilo que os acadêmicos da *Fefeléch* (*FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP*) imaginavam. Isto é, pessoas que nunca pisaram numa favela, mas têm 300 livros sobre pobres, sobre como o pobre vive... e com base nisso pretendem definir o que é melhor para os pobres... E de repente esse próprio pessoal se deu conta de que o pobre é conservador, isso foi um tapa na cara. Talvez até a imprensa durante muito tempo tenha comprado esse discurso de que o pobre pensa como a Marilena Chauí, de que o pobre é um socialista. No Brasil essa ideia é divertida.

Eu lembro que há poucos anos o Reinaldo Azevedo comentou uma matéria da Folha que falava sobre o lançamento de um conjunto habitacional popular que tinha um conceito novo. Um arquiteto foi lá lançar conceito novo de comunidade e etc e tal. As pessoas começaram a se mudar e gostaram tanto que, depois de um tempo, começaram a fazer o quê? Levantar muros, botar cadeado no portão, botar caco de vidro em cima dos muros... E a Folha foi lá reclamar que isso feria a ideia de comunidade e de que tudo ali era para todo mundo. E aí a gente vê que as pessoas não entendem que o pobre gosta da propriedade privada, que ele não tem essa ideia de que o que é meu é de todo mundo, de que o meu patrão é aquele que me explora... ele é ligado à família e à religião... Enfim, eles venderam tanto tempo que o pobre era assim e de repente a própria pesquisa deles diz exatamente o contrário, revela que o pobre que eles inventaram não existe de fato.

RUBENS FIGUEIREDO: Mas imagina o jornalista lá na redação e aí chega a informação: “Olha, o PSD fez uma pesquisa dizendo que o pobre é liberal”.

(Risos)

Agora, se alguém me avisa que o PT está

falando em liberalismo popular, eu levanto e vou atrás dessa história. É interessantíssimo... Tem um editorial do Estadão que é "O neoliberalismo do PT". Eles descobriram que o diretório regional do PT está mandando gente embora. Agora, a reforma da Previdência eles não querem...

Mas eu acho que estou um pouquinho mais otimista, porque embora o Dória não seja um político de carreira - e é por isso que ele está ganhando toda essa visibilidade - acho que ele é capaz de congrega um conjunto de partidos que pensam mais ou menos da mesma maneira e que estão fazendo essas reformas que o Brasil necessita contra tudo e contra todos, de uma maneira muito mais interessante do que os aventureiros do passado fizeram, como o Collor. O Collor não tinha partido, não tinha condições de formar isso. A frente que o Dória representaria, se fosse eleito, é mais ou menos essa frente que está aí. É um pensamento afim do pensamento do nosso partido. É um conjunto de coisas que ele está realizando, e é bom que se diga, com muita coragem.

Gosto muito de uma frase de um político da Suécia. Ele diz: a gente sabe o que tem de fazer; o que a gente não sabe é fazer o que a gente tem que fazer e ganhar eleição. Você pegar a sua popularidade e jogar no lixo para fazer no Brasil o que precisa ser feito, é um avanço monumental. É que a gente está vivendo esse deslumbre de más notícias, do que está dando errado, do campeão dos campeões da corrupção, esse mau humor dos formadores de opinião... Você ouve a Jovem Pan, você vê sair veneno no rádio, escorre. A Vera Magalhães começa a falar e se eu tiver faca por perto eu vou me suicidar. O Brasil foi capaz de criar instituições para segurar essas crises. Nós passamos pelo Collor, pelo Itamar - que engendrou o Plano Real, olha

que país incrível! Quando o Itamar assumiu, as pessoas diziam: isso aí vai ser uma catástrofe. E está aí o Plano Real, estabilizou a moeda. Enfim, estamos em uma situação difícil, sem dúvida nenhuma, mas eu acho, Paéco, que o brasileiro amadureceu com esse monte de trombadas que levou. Ele não vai atrás de um aventureiro, eu acho.

PAÉCO: Você tocou num ponto superimportante, que é o seguinte: eu acredito piamente na tradição democrática do Brasil, que as pessoas desconhecem. Temos eleição para prefeito de São Paulo desde o século 16, sabia disso? O Congresso brasileiro, desde que se instalou, só ficou fechado por três anos em toda a história. Teve dois momentos em que ele se curvou diante de um governo autoritário, mas ele não foi fechado, diferentemente de outros países do mundo. Então, nós temos uma tradição democrática importante, eu não acredito que isso vá ser jogado no lixo. Eu concordo inteiramente com você que a gente vai ultrapassar isso. Do ponto de vista do curto prazo é que eu não vejo bons momentos, mas no médio prazo temos totais condições de enfrentar todas essas dificuldades pelo tamanho das nossas instituições, que são fortes, e pela tradição democrática apesar dos anos da ditadura que vivemos no século passado...

LUIZ ALBERTO MACHADO: Eu quero agradecer a presença de todos e dar por encerrada essa troca de informações e ideias sobre as pesquisas de opinião e o que pensa o eleitor brasileiro. Não sei estão saindo daqui com mais respostas ou mais interrogações, mas o nosso objetivo também é estimular a reflexão. Obrigado e até o nosso próximo encontro.

Presidente

Guilherme Afif

1º Vice-presidente

Vilmar Rocha

2º Vice-presidente**Diretor de Relações Internacionais**

Alfredo Cotait Neto

Secretária

Alda Marco Antonio

Diretor Superintendente

João Francisco Aprá

Conselho Superior de Orientação

Presidente - Gilberto Kassab

Guilherme Afif

Henrique Meirelles

Omar Aziz

Raimundo Colombo

Otto Alencar

Claudio Lembo

Ricardo Patah

Vilmar Rocha

Guilherme Campos

Robinson Faria



Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2017 - "As pesquisas e a cabeça do eleitor"

ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: **EspacoDemocraticoPSD** Twitter: **@espdemocratico**

Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum e Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br